

# Coronel se defende no massacre

DF - Cidade Estrutural

JORNAL DE BRASÍLIA  
**COMANDANTE DA  
 OPERAÇÃO NA  
 ESTRUTURAL AFIRMA  
 QUE NÃO SOUBE DE  
 EXCESSO PRATICADO  
 PELOS POLICIAIS**

Luciene de Assis

O juiz Luís Carlos de Miranda, 28 anos, começou ontem a interrogar os policiais militares acusados de terem participado, direta ou indiretamente, das mortes de Luciano Pires Aquino e Milton de Sá, e da tentativa de execução de José dos Reis Filho, o Azul, no crime que ficou conhecido como Massacre da Estrutural, dia 8 de agosto de 1998. O primeiro a ser ouvido foi o tenente-coronel Luiz Henrique Fonseca Teixeira, que na época era major e comandava cem homens na Operação Tornado, realizada na invasão entre as 22h e as 23h.

Os moradores foram executados dois dias após o assassinato do soldado Rubens Gomes de Faria, 32 anos, morto na invasão com um tiro na cabeça, crime que também não foi elucidado. "Até hoje, a Polícia não descobriu quem matou meu marido,"

reclama a viúva do soldado, Janice Cardoso da Silva Faria, 33 anos, responsável pelos dois filhos do casal.

O advogado Heraldo Machado Paupério, que faz a defesa dos acusados, disse que o processo é totalmente inconsistente: "Por uma oportunidade política, a Polícia Civil fez desse processo um carnaval, sem qualquer prova contra os acusados, em plena campanha eleitoral."

Para o advogado Ennio Bastos, assistente do Ministério Público na acusação, o objetivo é chegar aos responsáveis pelas mortes dos dois moradores da Estrutural. "Queremos os cabeças." Segundo Bastos, a responsabilidade dos fatos ocorridos naquela noite são do chefe do executivo do

Distrito Federal, que na época era o então governador Cristovam Buarque, e do ex-secretário de Segurança Pública, Roberto Aguiar, que hoje ocupa o mesmo cargo, no Rio de Janeiro, no gover-

no de Benedita da Silva (PT). A ordem para a operação partiu da Secretaria de Segurança, explicou o advogado.

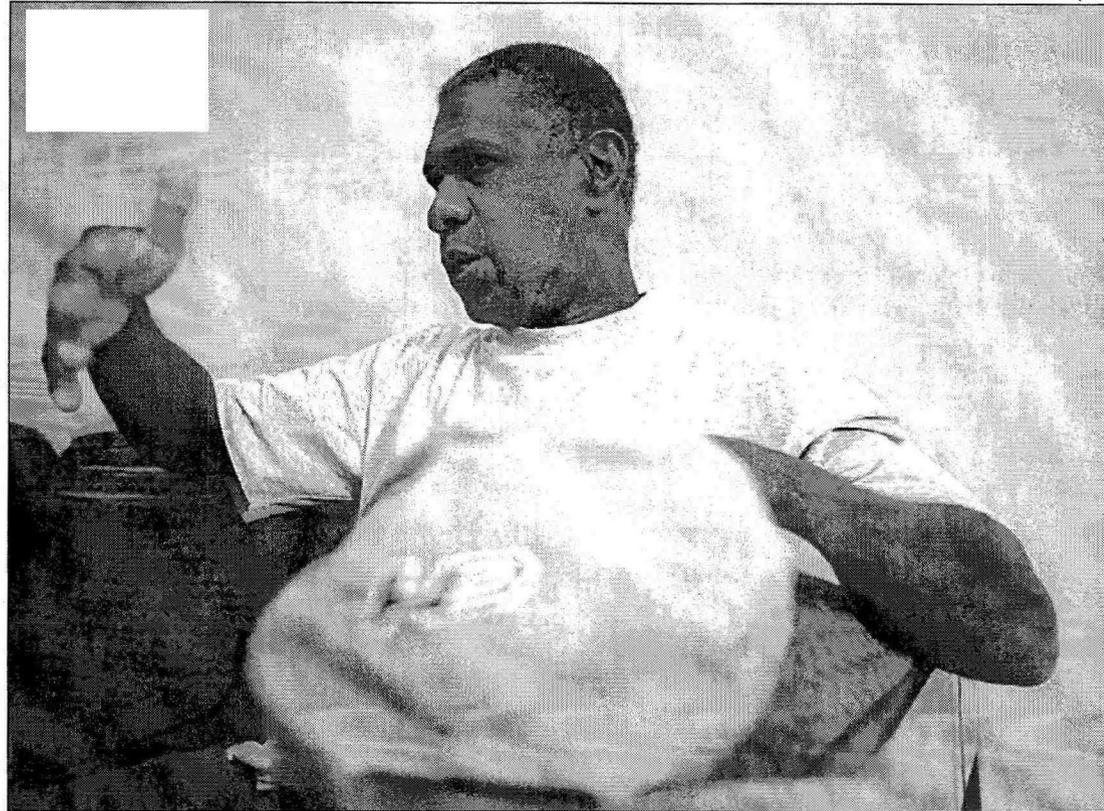
Nos autos do processo, lidos pelo juiz, consta que as duas mortes e o tiro em Azul e o espancamento de moradores foram represálias pela morte do soldado. A polícia acreditava que Milton e Luciano tinham participação no crime, pois seriam seguranças de um conhecido traficante de drogas.

O tenente-coronel Fonseca Teixeira negou qualquer responsabilidade pelas mortes. Ele disse que durante a operação não foi informado de qualquer ato de violência por parte dos policiais militares. "Tudo foi acompanhado de perto pela imprensa," confirmou o oficial. A TV Globo filmou policiais prendendo José dos Reis Filho, o Azul.

Tanto que a principal prova do processo é uma fita gravada pela Globo mostrando homens encapuzados



**Massacre ocorreu em 1998, durante operação destinada a diminuir violência que incomodava o governo do PT**



**JOSÉ dos Reis Filho, o Azul, escapou da execução por milagre. Ele levou um tiro na cabeça**

que se identificaram como policiais. Mas não tiveram as identidades confirmadas pelos militares presentes à operação. Que também nada fizeram para impedir que "estranhos" encapuzados prendessem em nome da PM.

"Em nenhum momento fui informado de que havia policiais militares trabalhando à paisana, naquela noite,"

defende-se o tenente-coronel Fonseca Teixeira.

De acordo com ele, alguns dos PMs acusados sequer estavam trabalhando naquele dia, como o sargento Cássio Marinho, dispensado por seu comandante para ir a uma festa de aniversário; e o major Wolney Rodrigues da Silva, responsável pelo policiamento da Estrutural, que

já estava afastado de suas funções e de folga no dia da Operação Tornado.

Hoje, os interrogatórios continuam com os cabos Antônio da Costa Veloso e Márcio Serra Freixo, os soldados Francisco Alves de Lima e Vangelista Pereira de Sousa, e do sargento Cássio Marinho, além do civil Eduardo Araújo de Oliveira.